

Tempo II - 2000 A 2009 - Dimensões de análise do sagrado
Lugares sagrados e sacralizados: as múltiplas faces do simbolismo

Zeny Rosendahl

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROSENDAHL, Z. Lugares sagrados e sacralizados: as múltiplas faces do simbolismo. In: *Uma procissão na geografia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 209-222. ISBN 978-85-7511-501-5. Available from: doi: [10.7476/9788575115015.0010](https://doi.org/10.7476/9788575115015.0010). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

LUGARES SAGRADOS E SACRALIZADOS: AS MÚLTIPLAS FACES DO SIMBOLISMO¹

Este texto amplia tanto o conteúdo conceitual quanto o conteúdo empírico do lugar sagrado e lugar sacralizado, mediante descrições das maneiras como o devoto utiliza o lugar para estruturar seu pertencimento, sua identidade e também descrições das qualidades simbólicas do lugar. Parte dessa reflexão se fundamenta nas últimas pesquisas que enfatizaram os aspectos visíveis e simbólicos dos lugares em sua contínua construção cultural, apresentação e interpretação do lugar e do espaço (Tanaka, 1981; Sopher, 1984; Rinschede, 1985; Kong, 1990) e outros geógrafos citados ao longo do texto. Do ponto de vista conceitual, existem raízes especialmente no humanismo, e, em sua maior parte, este texto está baseado nos interesses dessa corrente sobre o lugar e a sua experiência humana na nova geografia cultural na década de 1970 (Tuan, 1978, 1980; Norton, 2000).

Os conceitos em discussão neste texto introduzem mais uma possibilidade de pensar

¹ Versão revisada e atualizada de palestra em mesa-redonda no VII Encontro Nacional da Anpege, 2007, Niterói.

o sagrado e o profano na ciência geográfica. O elo entre a geografia e a religião fornece rico material para reflexão. A natureza da geografia da religião consolida-se na exploração dos conceitos de sagrado e profano. O sagrado, como manifestação cultural, afirma-se no lugar, no espaço, na paisagem e na região. Ocorre no tempo cotidiano e no tempo sagrado (Rosendahl, 1997, 2003).

Os lugares simbólicos são lugares criados pela ocupação humana do espaço e pelo uso de símbolos para transformar aquele espaço em lugar (Norton, 2000). Na realidade, grande parte do interesse por lugar foi elaborada e importada de outras áreas do conhecimento e, frequentemente, além dos vários sentidos humanistas, focalizando lugares como locais de lutas pelo poder, de deslocamentos e de contestação. Comungando com a proposta de Norton, a reflexão do conceito de lugar na geografia cultural inclui seis pontos:

1. a criação de lugares é um ato social; os lugares diferem porque as pessoas os fizeram assim;
2. os lugares são entidades autorreprodutoras, porque são contextos nos quais as pessoas aprendem e fornecem modelos de papel para socialização, alimentando determinadas séries de crenças e atitudes;
3. nenhuma cultura regional existe separadamente das pessoas que a refazem enquanto a vivem;

4. em uma economia capitalista mundial, lugares não são unidades autônomas cujos residentes têm controle independente sobre seus destinos;
5. lugares não são simplesmente os resultados não intencionais de processos econômicos, sociais e políticos;
6. lugares são potenciais fontes de conflito.

Assim, a geografia cultural preocupa-se basicamente com lugares como locais de conflitos políticos e simbólicos (Norton, 2000). Contudo, para Entrikin (1991), o lugar é mais bem entendido científica e humanisticamente – isto é, objetivamente como uma localização e subjetivamente em termos de experiência –, uma sugestão que leva à consideração da tensão que prevalece, em muitos lugares, entre aspectos locais e globais. Tuan (1980) define o lugar como uma unidade de espaço organizada mental e materialmente para satisfazer às necessidades biossociais básicas e reais percebidas de um povo e, além disso, suas aspirações estético-políticas superiores. Entender o espaço dessa maneira conduz à consideração das ideias de sentido de espaço, de topofilia e de não lugar, conforme referidas por alguns geógrafos. As pesquisas de Tuan afirmam que uma ligação emocional é criada e mantida por meio da edificação do lugar sagrado. O processo de criação contribui para que lugares e objetos se tornem parte de nossa autoidentidade, assim como o contato

repetido, a familiaridade com o lugar e a experiência compartilhada.

Tenta-se refletir, de modo mais geral, o conceito de lugar no sentido de pertencimento numa tentativa de esclarecer melhor as maneiras como são construídas as identidades de lugares e as identidades de pessoas, como indivíduos e como membros de grupos, levando-se em conta que há uma relação recíproca entre essas identidades. Nesse contexto, existe uma posição teórica que defende a construção da identidade coletiva como determinante de grande parte do conteúdo simbólico dessa construção. A preocupação atual dos geógrafos é a maneira como grupos culturais podem afirmar sua identidade ao lugar, intencionalmente ou não, de modo que este tenha uma identidade simbólica (Norton, 2000).

A religião é uma das principais maneiras de construir identidade simbólica. Há lugares em que a religião tem uma importância crescente, ao passo que, onde há uma crescente secularização da sociedade, a religião no sentido convencional pode sofrer um decréscimo de importância. Quando isso ocorre, outro fator de união, especialmente a religião civil ou o nacionalismo, pode estar substituindo a religião (Rosendahl, 2001, 2003). Nessas duas situações, pode haver uma estrita relação entre religião e identidade simbólica do lugar. Assim, a reflexão deste texto será dividida em dois pontos: lugar sagrado e lugar sacralizado.

O conceito de lugar sagrado identifica-se com o significado cultural do indivíduo ou grupo social religioso. Cada comunidade religiosa vivencia o lugar a sua maneira, de forma a constituir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças. As diferentes análises geográficas sobre o lugar religioso enfatizam a vivência e a identidade religiosa. Cada comunidade religiosa se estabelece no mundo sacralizado onde participa da memória histórica no tempo e no espaço (Rosendahl, 2001, 2003).

Essas posições teóricas nortearam a pesquisa geográfica recente sobre a construção e manutenção do lugar sagrado (Kong, 1990, 2001; Park, 1994). Os diversos locais religiosos em diferentes religiões e culturas possuem reconhecidamente uma localização real. São lugares sagrados fixos, e as formas espaciais são variadas e podem ser encontradas tanto no Vale de Ohio (Wright, 1990), vinculada à antiga cultura pagã, de aproximadamente 2.300 anos, como em pleno século XXI: quer no deserto, como no caso de Meca; quer em sua cidade mundial – Rue du Bac, Paris; quer em Porto das Caixas, Itaboraí (RJ).

O sagrado irrompe em determinados lugares como revelações hierofânicas, transformando-os qualitativamente em poderosos *centros de mundo significativos*, separados do espaço comum, do cotidiano profano (Eliade, 1991). O lugar é ritualmente construído. Podemos

senti-lo como felicidade (Tuan, 1978, 1980) ou por meio de uma variedade de emoções, como o *numinoso* que atinge a profundidade da alma (Otto, 1992), ou como “alquimia ideológica pela qual se opera a transfiguração das relações sociais em relações sobrenaturais, inscritas na natureza das coisas e, portanto, justificadas” (Bourdieu, 1987, p. 33).

A vivência da fé no lugar, em termos geográficos, deve ser analisada em sua dimensão espaço-tempo. No propósito de mostrar as dimensões de espaço e de tempo do lugar simbólico, ressaltamos a vivência da fé no lugar sagrado. Esse lugar está impregnado de simbolismos construídos, reivindicado e operado por uma comunidade religiosa. Os estudos já realizados vêm demonstrando que a dimensão geográfica do lugar não pode ser separada das dimensões política e econômica. A construção e manutenção do lugar sagrado, em algumas vezes resolvida por trocas dramáticas no processo de aculturação, vêm revelando tensões entre as comunidades envolvidas. A análise de tais conflitos em algumas comunidades resultou na conversão, destruição ou geração de novas formulações simbólicas do lugar (Rosendahl, 2001, 2003).

O processo de construção do lugar sagrado envolve esforço e cooperação da comunidade religiosa. É marcante a relação dialética entre a política da comunidade e a construção do lugar sagrado. A comunidade religiosa constrói a Igreja, e esta, na função de comunhão social, sustenta a própria comunidade (Rosendahl, 2003).

Além da classificação anterior, de pertencimento religioso a uma igreja, sinagoga, mesquita ou outros lugares sagrados, é possível reconhecer um comprometimento em lugares que estão se tornando, de maneira evidente, cada vez menos sagrados. Nesses casos, a religião pode ser interpretada de modo mais amplo, e, assim, o nacionalismo e a religião civil podem ser associados, em termos geográficos, à criação de lugares sacralizados. Na maioria dos casos, a sacralidade é enfatizada com o uso de símbolos nacionais ligados a circunstâncias históricas. A religião civil é composta de ritos e símbolos relativos à nação e a seus fundadores: a bandeira, o hino, o herói fundador – e valores socializados – nação, igualdade, classe ou etnia –, articulados em um contexto de alto significado resultante de algum evento importante que tenha ocorrido ou que seja recordado em um determinado espaço. Os lugares sacralizados desempenham um papel importante na construção de identidade nacional e são considerados *loci* de rituais em torno do culto político e das comemorações de mitos e heróis (Rosendahl, 2001, 2003).

É possível também reconhecer os valores simbólicos de terras natais como espaços sacralizados, porque apresentam as raízes de cada indivíduo ou de um grupo social. O *locus* de nascimento e/ou áreas em que foram criados como lugares de sensibilidade, mas isso pode não ocorrer com outros.

O que assume especial interesse para o presente texto é o fato de a religião civil possuir espacialidade e temporalidade sacralizadas.

SÍMBOLOS E SIMBOLISMO NO LUGAR

Alguns exemplos devem ser relatados: os símbolos ganham maior força e realce quando estão impregnados de afetividade e significação no lugar religioso. A representação simbólica existe em si mesma e se materializa no espaço (Rosendahl, 2003). Ao desvelar significados simbólicos de um lugar, as relações entre poder político e deuses podem assumir as formas mais variadas em diferentes sociedades e culturas. Vejamos, então, dois exemplos importantes a seguir: a) em sociedades de predominância majoritária de um credo, como os católicos em terras polacas; b) em sociedades de pluralidade religiosa, como a religião civil americana.

No primeiro exemplo, vislumbramos a Polônia, país de religião católica que é o reflexo de sua identidade nacional. A formação de um partido político como o Movimento Solidarność e a figura carismática e religiosa de Lech Walesa conferem identidade ao patriotismo polaco e à fé católica. Na cidade-santuário da Virgem Negra de Jasna Góra, em Częstochowa, Polônia, o culto civil à figura do herói nacional Lech Walesa se compara à veneração de um santo. Ele é considerado um mártir da reivindicação de liberdade político-religiosa

do povo. A peregrinação cívica ao Museu Solidarność reforça o poder político do lugar. As medalhas, honrarias e títulos recebidos por Walesa durante a presidência do movimento foram doados e estão em lugar de destaque na Basílica de Jasna Góra.

O ritual de entrega de ex-votos em peregrinação da fé católica à basílica data de 1430 (Pach et al., 1995). Há ex-votos oriundos de combates militares associados a uma prática militar bastante antiga no santuário. Nesse contexto, o sagrado favorece a comunhão do poder militar e do poder político do lugar.

A relação espaço-política-sagrado permite repensar a importância da religião civil e a produção de lugares sacralizados, favorecendo a integração social e a identidade comum a seus devotos. No exemplo de Jasna Góra, os símbolos cívicos da nação e a veneração da Virgem de Częstochowa estão em coexistência pacífica no lugar. Isso ocorre, na maioria das vezes, quando o poder político e o religioso estão em comunhão no mesmo espaço social.

O ícone da Virgem Negra de Jasna Góra resplandece na função religiosa de mãe do povo polaco e, desde o século XVII, acumula a função de rainha da Polônia. A sua imagem possui função religiosa e política em diferentes rituais no santuário: ora materializa o sagrado, ora fortalece o lugar simbólico do universo cívico – o lugar sacralizado pelo poder político.

Dupront (1987), ao estudar a iconografia da arte cristã, alerta que as sacralidades dão ritmo, purificam e trazem a esperança

ao tempo presente no espaço e lugares de culto. Acredita que a imagem constrói um imaginário de verdade e provoca a imaginação dos fiéis até lhes tornar sensíveis a uma presença e fazer dessa presença realidade viva e, portanto, verdadeira. Nesse contexto simbólico, os fiéis reencontram no quadro com a pintura da Virgem a confirmação de um simbolismo do amor à mão religiosa e ao ídolo nacional. O ícone pertence ao imaginário coletivo religioso polonês e se torna símbolo de poder civil e da experiência do sagrado (Rosendahl, 2001, 2003).

Já no segundo exemplo, os conceitos de religião civil e amor à nação nos remetem, primeiramente, ao exemplo norte-americano, não só na identificação da dimensão religiosa do sentimento patriótico, mas também na concepção da América como símbolo de “Liberdade”. Há exemplos do ritual de peregrinação com o objetivo primordial de preservação histórica e fortalecimento da identidade anglo-americana sobre a identidade mexicana, imposto quando, em 1905, o Álamo se transformou em santuário cívico. Os mártires da República Texana – como são conhecidos os soldados americanos que morreram em 1836 – associam-se a heróis nacionais e são reverenciados como santos. Esse fortalecimento da identidade anglo-saxônica envolve grupos culturais transformadores de ambientes, por meio da marca de sua cultura, que criam o sentido de lugar. Desse modo, o lugar é carregado de significado que reflete as atitudes, crenças e valores das culturas que o ocupam.

O lugar sacralizado do Álamo exprime-se pelos novos símbolos que representam os americanos mártires. O lugar sagrado se transforma em museu, a sacralidade ocorre nos objetos anglo-americanos e se nega a expor marcas de origem espanhola ou indígena: o estilo barroco espanhol da capela é adulterado e sua forma e função são modificadas (Rosendahl, 2001). No século XX, “assistimos à forte modificação cultural do Álamo em favor dos anglo-americanos, distanciando-se da herança latina do Estado” (Oliver, 1996, p. 3). O ritual de peregrinação cívica em torno de valores da nacionalidade americana adquire novo caráter simbólico do lugar. O idioma, a etnicidade, a identidade nacional e a fé são elementos que podem contribuir para a criação de lugares simbólicos.

PARA NÃO CONCLUIR...

As reflexões de lugar sagrado e de lugar sacralizado neste texto incluem uma apreciação do lugar e também do tempo em suas relações com a cultura, a identidade e, principalmente, as múltiplas faces da expressão simbólica.

Nos exemplos relatados, os símbolos ganham maior força coletiva no lugar, podendo adquirir uma dimensão transcendente. Na realidade, a religião civil representa um conjunto de crenças, símbolos e cerimônias relativos à nação. Pode ocorrer em socieda-

des com predominância de um determinado credo, como os católicos na Polônia, em que a representação político-religiosa existe em si mesma e se materializa no lugar sagrado da Virgem Negra de Częstochowa. O simbolismo cívico dos valores patriotas poloneses aparece em diferentes lugares sacralizados e referenciados ao Movimento Solidarność e aos ídolos santificados de Lech Walesa e Carol Wojtyła.

O lugar sacralizado na sociedade norte-americana enaltece a cultura anglo-americana sobre outras e leva à criação de uma identidade nacional legitimada pelas instituições dominantes da sociedade. A religião civil, motivada por valores de luta, sacrifício e liberdade, é agora acrescida à necessidade do poder político de impor sua dominação do território conquistado. O lugar é qualitativamente político.

Enfim, o simbolismo se apresenta ora na experiência de desencanto do sagrado, ora na vivência de seu despertar. A vida religiosa exige um lugar sagrado. O ato ritual de sacralização do lugar é uma investidura necessária à religião civil. Em ambas, o sagrado envolve *rearranjos* espaciais que estimulam futuras reflexões geográficas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- DUPRONT, A. *Du sacré: croisades et pèlerinages, images et languages*. Paris: Gallimard, 1987.

- ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ENTRIKIN, J. N. *The betweenness of place: towards a geography of modernity*. Londres: Macmillan, 1991.
- KONG, L. "Geography and religion: trends and prospects". *Progress in Human Geography*, v. 14, n. 3, pp. 355-71, Londres, 1990.
- . "Mapping 'new' geographies of religion: politics and poetics in modernity". *Progress in Human Geography*, v. 25, n. 2, pp. 211-33, Londres, 2001.
- NORTON, W. *Cultural geography: themes, concepts, analyses*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- OLIVER, M. "Historical preservation and identity: the Alamo and the production of a consumer landscape". *Antipode*, v. 28, n. 1, pp. 1-23, 1996.
- OTTO, R. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- PARK, C. C. *Sacred worlds: an introduction to geography and religion*. Londres: Routledge, 1994.
- PACH, J. et al. *Jasna Góra: sanctuarie de la mère de Dieu*. Narni-Terni, Itália: Plurigraf, 1995.
- RINSCHÉDE, G. "Das Pilgerzentrum Lourdes". *Geographia Religionum*. Berlim: Dietrich Reimer Verlag, 1985, v. 1, pp. 195-257.
- ROSENDAHL, Z. "O sagrado e o espaço". In CASTRO, I. E. et al. (orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, pp. 119-53.
- . "Espaço, política e religião". In — e CORRÊA, R. L. (orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001,

- pp. 9-39.
- . “Espaço, cultura e religião: dimensões de análise”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp. 187-226.
- . “Lugares sagrados e sacralizados: as múltiplas faces do simbolismo”. In VII Encontro Nacional da ANPEGE, Niterói, Rio de Janeiro, 2007.
- SOPHER, D. “Geography and religions”. *Progress in Human Geography*, v. 5, n. 4, pp. 511-24, Londres, 1984.
- TANAKA, H. “The evolution of a pilgrimage as a spatial-symbolic system”. *The Canadian Geographer*, v. 25, n. 2, pp. 240-51, Toronto, 1981.
- TUAN, Y.-F. “Sacred space. Exploration of an idea”. In BUTZER, K. (org.). *Dimension of human geography*. Chicago: Universidade de Chicago, 1978, pp. 615-32.
- . *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- WRIGHT, G. A. “On the interior attached ditch enclosures of the middle and upper Ohio Valley”. *Ethnos*, n. 55, pp. 92-107, 1990.